



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

EDUARDO AZEVÊDO SILVA

**OS TRABALHADORES RURAIS PARAIBANOS E A ERA VARGAS NA DÉCADA
DE 1950**

**GUARABIRA
2024**

EDUARDO AZEVÊDO SILVA

**OS TRABALHADORES RURAIS PARAIBANOS E A ERA VARGAS NA DÉCADA
DE 1950**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira, em cumprimento as exigências para obtenção parcial do título de Graduação em História.

Área de concentração: História, Política e Relações de poder.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Luís Christillino.

**GUARABIRA
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586t Silva, Eduardo Azevedo.
Os trabalhadores rurais paraibanos e a era Vargas na década de 1950 [manuscrito] / Eduardo Azevedo Silva. - 2024.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. Cristiano Luís Christillino, Coordenação do Curso de História - CH. "
1. Trabalhadores Rurais. 2. Migração. 3. Seca. 4. Getúlio Vargas. I. Título

21. ed. CDD 981.061

EDUARDO AZEVÊDO SILVA

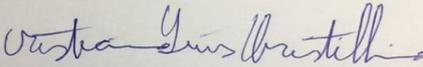
OS TRABALHADORES RURAIS PARAIBANOS E A ERA VARGAS NA DÉCADA
DE 1950

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Programa de Graduação
em História da Universidade Estadual da
Paraíba, Campus III, Guarabira, em
cumprimento as exigências para obtenção
parcial do título de Graduação em História.

Área de concentração: História, Política e
Relações de poder.

Aprovado em: 19 / 06 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

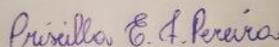


Cristiano Luís
Christillino

Prof. Dr. Cristiano Luís Christillino (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Naiara Ferraz Bandeira (Avaliadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Priscilla Emmanuelle Formiga Pereira (Avaliadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus e à minha família, DEDICO.

“A historiografia, ou a história que se escreve, relaciona-se com o contexto social em que foi produzida. O historiador dialoga com o mundo em que vive, com problemas e desafios, lutas e utopias, e esse diálogo influencia a forma como ele reconstrói e interpreta o passado. Por isso, nenhuma obra de história é objetiva no sentido de ser neutra, isenta, livre de paixões e pressões de seu tempo” (Ribeiro, 2013, p. 03).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
CEP	<i>Comissão Estadual de Preços</i>
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
DNI	Departamento Nacional de Informações
SENTA	Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Amazonas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A MARCHA PARA O OESTE E O GOVERNO VARGAS - INDUSTRIALIZAÇÃO.....	8
3	A PARAÍBA NA DÉCADA DE 1950 E AS MIGRAÇÕES.....	10
4	CARTAS DE MULHERES NORDESTINAS PARA VARGAS	16
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	19
	AGRADECIMENTOS	21

OS TRABALHADORES RURAIS PARAIBANOS E A ERA VARGAS NA DÉCADA DE 1950

RURAL WORKERS IN PARAÍBA AND THE VARGAS ERA IN THE 1950

Eduardo Azevedo Silva^{1*}

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo geral compreender a participação dos trabalhadores rurais paraibanos durante a era Vargas, na década de 1950, e os impactos no processo de migração. Assim, volta-se ao estudo de um tema, ainda, com pouco aprofundamento no círculo de trabalhos acadêmicos. Para tal, é feito um estudo histórico de como ocorreu a relação dos trabalhadores rurais com governo de Getúlio Vargas, durante o seu governo. Nesse sentido, é importante ressaltar que a seca, aliada às condições climáticas, é fator importante em questão, porque ela é a causadora de grande motivação para a migração de nordestinos paraibanos que buscavam uma melhor qualidade de vida. Para fundamentação teórica, recorreremos aos estudos de Secreto (2007); Bastos e Fonseca (2012); Barbosa (2012), entre outros estudos que dão sustentação às discussões aqui tecidas. O estudo aponta para o fato de que o processo de migração, durante o governo estadual de José Américo de Almeida, à frente do estado da Paraíba, bem como do então presidente da República, Getúlio Vargas, teve altos índices. Assim, mesmo com todas as soluções proporcionadas pelos governos, as migrações ocorreram de forma expressiva e preocupante para a região Norte e Sudeste do país, principalmente pelas condições de trabalho ofertadas.

Palavras-Chave: Trabalhadores Rurais; Migração; Seca; Getúlio Vargas.

ABSTRACT

The general objective of this article is to understand the participation of rural workers in Paraíba during the Vargas era, in the 1950, and the impacts on the migration process. Thus, we return to the study of a topic, still with little depth in the circle of academic works. To this end, a historical study is made of how the relationship between rural workers and the government of Getúlio Vargas developed during his government. In this sense, it is important to highlight that drought, combined with climatic conditions, is an important factor in question, as it is the cause of great motivation for the migration of northeastern people from Paraíba who were looking for a better quality of life. For theoretical foundation we resorted to studies by Secreto (2007); Bastos and Fonseca (2012); Barbosa (2012), among other studies that support the discussions made here. The study points to the fact that the migration process, during the state government of José Américo de Almeida, at the head of the state of Paraíba, as well as that of the then President of the Republic, Getúlio Vargas, had high rates. Thus, even with all the solutions provided by governments, migration occurred

^{1*}Graduando no curso de História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III. E-mail: eduardoazevedo1920@gmail.com.

in a significant and worrying way in the North and Southeast regions of the country, mainly due to the working conditions offered.

Keywords: rural workers; Migration; Dry; Getulio Vargas.

1 INTRODUÇÃO

O artigo tem como tema o trabalho de cidadãos paraibanos durante a era Vargas. Esse tema surge como relevante por discutir sobre as relações de poder e acontecimentos importantes não só para a Paraíba e Nordeste, mas também para o Brasil. Isso porque discutir sobre os trabalhadores rurais paraibanos, na década de 1950, leva-nos a uma viagem que nos permite analisar como viviam os trabalhadores paraibanos/nordestinos à época.

Nesse sentido, sabe-se que a seca é um fator muito importante para acontecimentos que correspondem, conseqüentemente, a mudanças de planos e condições na vida das pessoas. Uma das conseqüências dessa situação à época foi a migração, isto é, cidadãos que deixavam seus seios familiares na busca de uma condição de vida mais humanizada e digna.

Diante disso, esse trabalho tem como objetivo geral compreender a participação dos trabalhadores rurais paraibanos durante a era Vargas, na década de 1950, e os impactos no processo de migração. Para tanto, parte da seguinte questão-problema: qual a relação entre trabalhadores, a era Vargas e o processo de migração nordestina, nos anos de 1950?

Para atingir ao objetivo proposto buscamos fazer uma análise de elementos importantes constitutivos desse período, isto é, a seca, a migração para grandes centros, as lutas de organizações sociais que lutavam por melhorias político-sociais, entre outros fatores que marcam de forma contundente a sociedade e suas vivências na época relatada.

De maneira análoga, também discutimos o papel das famílias perante as migrações de seus esposos e alguns mecanismos possibilitados pelos governos regentes, a exemplo da construção de açudes, estradas, política pública de barateamento de alimentos e outras obras públicas. Essas foram decisões do governo de José Américo de Almeida com a intenção de prestar assistência social às famílias.

Objetivando uma melhor organização e orientação leitora, esse artigo segue a seguinte estrutura: após esse momento introdutório, discutimos sobre a relação do movimento *a Marcha para o Oeste* com o governo Vargas. Em seguida, abordamos acerca das migrações paraibanas na década de 1950. Posteriormente, fazemos apontamento sobre cartas escritas por mulheres direcionadas ao presidente Getúlio Vargas. Por fim, apresentamos algumas considerações e as referências bibliográficas.

2 A MARCHA PARA O OESTE E O GOVERNO VARGAS - INDUSTRIALIZAÇÃO

Com a chegada de Vargas ao poder, o Estado Novo trouxe uma visão completamente inovadora no sentido econômico do país. Vargas tinha uma visão de industrializar o Brasil para, conseqüentemente, tornar-se uma forte potência econômica. Nesse sentido, a crise e a queda da Bolsa de Valores em 1929 contribuiu para alavancar essa ideia, pois o Brasil, nesse período, era um importante produtor de café e, tendo uma grande queda de preço, era preciso de algo fortemente eficaz que pudesse empregar pessoas, gerar capital e movimentar a economia.

Assim, segundo Bastos e Fonseca (2012), Vargas compreendeu, já no seu primeiro governo, que o Brasil estava ficando para trás no processo de desenvolvimento econômico e que a única forma de recuperar o atraso era por meio da industrialização. Nesse viés, o período citado por ser marcado por uma forte defesa do “nacionalismo agrário”, não era contra a uma forte industrialização, enxergava-se um Brasil como um país privilegiado que glorificava sua natureza.

Ademais, Américo Werneck não enxergava essa forte oposição entre agricultura e indústria, porém sugeria, como citam Bastos e Fonseca (2012), que o governo concentrasse mais atenção na agricultura. Porém alguns percebiam como importante a junção e o fortalecimento em agricultura e indústria:

A indústria fabril interna de qualquer povo é o primeiro, mais seguro e abundante mercado de sua lavoura; a lavoura interna de qualquer povo é o primeiro, mais seguro e abundante mercado de sua indústria. Os mercados estrangeiros devem ser considerados auxiliares para uma e outra, e jamais, como principais (Luz, 1975, p. 50).

Na obra *A era Vargas* (2012), organizada por Pedro Paulo Zahluth Bastos e Pedro Cezar Dutra Fonseca, é apontado que Getúlio Vargas, indubitavelmente, foi o mais importante personagem da história do Brasil no século XX, ele foi a figura principal entre 1930 até 1954, durante esse período o país passou por várias transformações, uma delas e considerada uma das mais importantes, foi essa inserção do papel do Estado na economia e sociedade brasileira.

Getúlio Vargas é conhecido, nacionalmente, por ser o grande propulsor da industrialização do país, que era essencialmente considerado agrícola e passou a ser industrializado, com a implantação da siderurgia. Vale lembrar, segundo Bastos e Fonseca, (2012), que, antes de Vargas, faziam-se presentes alguns ramos industriais, só que de uma forma muito reduzida e de pouca produção, principalmente na indústria alimentícia e têxtil, o que estava faltando para alavancar nacionalmente, era o apoio do Estado e Vargas, por sua vez, tinha essa influência sobre o importante papel do Estado, sendo um mediador dessas relações da indústria, sendo, portanto, um líder nesse processo de desenvolvimento da economia brasileira.

Nesse contexto, houve uma grande característica de nacionalização no Brasil. Assim, Bastos e Fonseca (2012) informam que Vargas desejava adotar um modelo de substituir as importações, para isso foi criado as chamadas indústrias de base, que eram necessárias para o impulsionar os ramos industriais. E nesse período, foi onde Vargas criou a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) - primeira produtora integrada de aço do Brasil - sendo essa considerada um marco na história da industrialização. Isso se deu porque, para construir e industrializar o Brasil, era necessário o Aço, o que viabilizou esse importante feito.

Ademais é importante ressaltar também a criação da Companhia Vale do Rio Doce, na Cidade mineira de Itabira, Minas Gerais. Essa companhia foi criada justamente com o intuito de contribuir com a industrialização do País, haja vista a sua responsabilidade pela exploração de minerais utilizados pela indústria. Além dessas empresas, Vargas também fundou, em 1953, a Petrobras, uma das empresas mais importantes que atua, principalmente, na exploração de petróleo.

Esse foi um período conhecido como “Anos dourados”, devido ao progresso e desenvolvimento que o Brasil atingiu. É nesse momento que surge a chamada *Marcha para o Oeste* – um programa desenvolvido no Governo de Vargas, o qual tinha o objetivo de promover um desenvolvimento populacional, integrar essas pessoas às áreas pouco povoadas, sendo as regiões centro-oeste e norte do Brasil.

Nesse cenário, deu-se origem ao processo de migrações, principalmente da Região Nordeste para as regiões supramencionadas, justamente pelas propostas de emprego e pela busca de melhores condições de vida. Isso posto, uma das regiões que mais migrou para outras foi, exatamente, a Nordeste. Esse fator ocorre devido as grandes lutas e situações de pobreza que o nordestino estava passando à época afetados, por exemplo, pela estiagem, seca, fome, miséria, entre outros fatores que os obrigavam a procurar outro meio de subsistência.

À época, esses fatores promoviam consequências severas que oprimiam os cidadãos, provocando, por vezes, mortes, doenças, péssimas condições de trabalho, péssimos salários pagos pelos coronéis e fazendeiros. É importante pontuar, ainda, que, em muitos casos, trabalhava-se apenas pela alimentação.

Essa realidade pode ser observada e refletida no livro *Quinze* (2018), da escritora Raquel de Queiroz. Na obra, a autora mostra, por meio dos escritos e do despertar da criticidade leitora, detalhadamente como eram as refeições do nordestino em período de seca. Assim, pontua a situação de pobreza e de fome em que os sertanejos viviam, tendo muitas vezes muito pouco para comer “O vaqueiro foi aos alforjes e veio com uma manta de carne de bode, seca, e um saco cheio de farinha, com quartos de rapadura dentro” (Queiroz, 2018, p. 46).

A *Marcha para o Oeste*, fez com que migrassem vários sertanejos nordestinos para a região amazônica. Um fator importante desse fato, foi a Segunda Guerra Mundial, que também fez parte de processo de fortalecimento do movimento. Nesse sentido, com o desenvolver da segunda guerra e os acordos que foram assinados e firmados em 1942 em Washington, houve o condicionamento externo da política nacional.

Para o momento, era preciso urgentemente conseguir fornecedores de borracha, material que seria sobretudo para o uso da indústria bélica. Contudo, de acordo com Secreto (2007, p. 8), com a participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, o Brasil teve de sair da neutralidade, com o propósito de “produzir borracha, em menos tempo”. É nesse momento que surge, de forma urgente, a necessidade de mão de obra, o que implica em uma grande quantidade de trabalhadores para a extração da borracha na Amazônia.

A proposta inicial era realizar uma “colonização”, isto é, levar o sertanejo nordestino para Amazônia, a exemplo do Acre, Pará, para que pudessem se instalar e viver essa “sedentarização”. Porém, a conjuntura internacional queria apressar o processo, devido a necessidade de borracha para o armamento bélico.

Esse período foi propício para que os nordestinos partissem em caminhões, “Pau-de-arara” e outros meios em busca de melhores condições de vida. Assim, Secreto (2007) pontua que as condições de vida e de trabalho estavam precárias, percebe-se pela quantidade de pessoas que chegaram a morrer realizando o trabalho nos seringais.

Isso posto, Vargas, através do que apresenta o Departamento Nacional de Informações (DNI), embora em meio às atitudes vistas por muitos enquanto errôneas, teve um trabalho extremamente importante ao encaminhar os trabalhadores rurais para lugares parecidos com os seus habitats.

3 A PARAÍBA NA DÉCADA DE 1950 E AS MIGRAÇÕES

A Paraíba, na década de 1950, estava passando por alguns momentos importantes e delicados, a exemplo de uma transição de governo, além de uma forte seca que chegava maltratando a vida da população. No que se refere à transição

governamental, as eleições aconteceram e José Américo de Almeida² venceu a disputa eleitoral assumindo a governança do estado da Paraíba, derrotado, portanto, seu opositor, Argemiro de Figueiredo.

Com a vitória, uma das primeiras iniciativas de José Américo de Almeida ao chegar ao Palácio da Redenção na Paraíba, foi vasculhar como estava a pasta orçamentária. Essa ação permitiu que tomasse conhecimento da atual situação financeira em que se encontravam os cofres públicos.

Destaca-se, segundo Barbosa (2012), que José Américo de Almeida, ao perceber que os governos anteriores – comandados por Oswaldo Trigueiro e José Targino – deixaram um alto déficit nos cofres públicos, viu-se na necessidade de expressar ao povo paraibano a realidade em que o Estado se encontrava, expondo tal situação no maior meio de comunicação da época, o jornal a União.

Apesar do nordestino já conviver todos os anos com a estiagem, os sertões de paisagens duras dos olhos, de mandacarus, bois e cavalos angulosos, e as sombras leves como almas do outro mundo com medo do sol, como informa (Freyre, 2004), os governos não se preparavam, ou sejam não buscavam antecipadamente estratégias para enfrentar estiagens tão longas quanto a de 1951. Essa não preparação, acaba mostrando que, de fato, os governos não estavam preocupados com as necessidades do povo pobre, mas, possivelmente, em acarear benefícios para si próprios e para os grandes empresários.

Barbosa (2012, p. 283) argumenta que “Os anos de 1951 e 1952 foram marcados por um período de grave estiagem que atingiu todos os estados nordestinos, atingindo as diversas mesorregiões”. As secas no Nordeste, já vinham sendo marcadas com um intervalo de uma década, isto é, desde o ano de 1922, no nordeste brasileiro, as secas assumiram um carácter cíclico verificadas a cada dez anos: 1922, 1932, 1942, 1952 (A União, 13/ 03/1951).

Nesse íterim, os anos de 1951 e 1952 foram marcados por uma forte estiagem que assolou todos os estados do Nordeste, entre janeiro e fevereiro de 1951. Ainda conforme Barbosa (2012) iniciou-se uma migração de flagelados a procura de comida, trabalho e moradia para sobreviverem à seca. Nesse período, muitos esperavam o mês de março como propício a chuvas, expectativa provinda de aspectos culturais e religiosos.

Sobre o mês de março, Queiroz (2018), em meio às perspectivas de chuvas, apresenta esse mês enquanto muito importante para o nordestino, em especial dia 19 de março, dia do santo São José, data a qual acreditam que, chovendo, o inverno logo chegará. Entretanto, em não chovendo, a esperança das chuvas chegarem é enfraquecida. Essa crença popular, criada outrora por antepassados, pode ser encontrada até nos dias atuais em comunidades mais interioranas do Nordeste.

Entretanto, a situação começa a piorar a partir do mês de março, quando veículos de comunicação começam a anunciar a migração em massa, que partiam em busca de trabalho e alimentação, grande parte migrando para São Paulo, Rio de Janeiro ou a capital federal. Consoante Barbosa (2012, p. 184), o jornal A União, em

² José Américo de Almeida (1887-1980) nasceu no engenho Olho d'Água, município de Areia, Paraíba. Esse, dedicou-se à política e teve uma maior projeção do que na literatura. Foi governador da Paraíba. Entre 1930 e 1934, no governo de Getúlio Vargas, foi nomeado Ministro da Viação e Obras Públicas. Em 1945 foi eleito Senador pela Paraíba. Em 1966 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, para a cadeira nº. 38. Informações disponíveis em: https://www.ebiografia.com/jose_americo_de_almeida/. Acesso em: 19 de jun. 2024.

25/03/1951, aponta que “8 milhões de homens e mulheres já haviam deixado os campos e fazendas de vários estados nordestinos em busca de água e comida”.

É válido pontuar que o processo de migração continua ocorrendo na contemporaneidade e acontece por diversificados motivos. Assim, Carvalho (2008, p.10-11) ressalta:

São muitos os contextos e razões que podem desencadear fluxos de migração entre países e regiões. Hoje assistimos a um número cada vez maior de deslocamentos de pessoas entre diferentes regiões. Condição favorecida pela globalização recente. A migração ocorre tanto entre países quanto de forma regional. Em países de dimensões continentais como o Brasil, a migração interna ganha importância. O Brasil não vive uma situação como a do México, que, devido à fronteira com os Estados Unidos, apresenta migração internacional expressiva. No entanto, a migração regional é, em termos econômicos e numéricos, bastante relevante. Poderia parecer que esse tipo de migração não tem o mesmo impacto psicológico sobre os migrantes, uma vez que migrar dentro de um mesmo país, de forma legal, e sem os aspectos de uma migração para o estrangeiro seria muito mais difícil. Suspeitamos que não. Independente da distância, a migração talvez tenha um impacto forte na vida de qualquer um [...]. Ao migrar uma pessoa ou grupo familiar têm sua vida radicalmente transformada. Trata-se de um momento crítico, que, frequentemente, inaugura uma nova etapa da vida [...] Trata-se de um luto por tudo aquilo que ele deixou para trás: parentes, amigos, paisagens, cheiros, gostos, sons. Sua identidade está em jogo.

No século XX, mais precisamente a partir de 1950, período em discussão neste artigo, um dos fatores principais era a seca e a falta de meios trabalhistas. Com a forte migração, o deputado paraibano, João Carneiro de Freitas, eleito nas eleições de 1950, declarou ao jornal A União:

Se o governo federal não agir com presteza para enfrentar a seca e suas consequências, sobretudo socorrendo as populações nordestinas, verificar-se-á o maior êxodo rural de todos os tempos. Onde toda a economia do nordeste será arrasada (A União, 25/03/1951, p.01 *apud* Barbosa, 2012, p. 184).

O Estado da Paraíba como um todo foi afetado com a estiagem de 1951, entretanto havia áreas com maior efeito, como apontado por Almeida (1951, p. 92, *apud* Barbosa, 2012, p. 184) ao citar que “Na Paraíba, os efeitos dessa calamidade foram sentidos principalmente nas seguintes “Zonas fisiográficas”: “Agreste e Caatinga central; médio sertão dos cariris velhos, Seridó; baixo sertão do piranhas; e alto sertão”. Essa fase foi uma mais intensa na estiagem, marcando esse período de 1951-1952, como afirma Barbosa (2012), período esse em que José Américo esteve à frente do poder executivo do estado da Paraíba.

É válido pontuar que a seca não é algo controlável pelo homem, muito menos pelo governo, assim como não teve início apenas na década de 1950. Esse fato pode ser averiguado nos escritos de Raquel de Queiroz em sua obra, *O Quinze*, bem como em obras de tantos outros escritores, a exemplo de Ariano Suassuna. Contudo, na obra *O Quinze* é descrita uma reflexão e imagens da seca do Nordeste e de suas consequências aos cidadãos. Raquel de Queiroz, ainda reforça e fala da grande seca de 1915.

Na obra pode ser percebida uma forte tensão provocada pelos fatores socioculturais que provocavam muitas demandas psicológicas e de vulnerabilidade cidadã. Assim como não obra, o jornal A União, em dezesseis de março de mil novecentos e cinquenta e três, publica um treco do artigo escrito por José Lins do

Rêgo, intitulado *A Seca no Nordeste*, o qual transparece o sentimento de todos os paraibanos por uma política pública eficaz e ação imediata de combate à fome e à sede:

As histórias de Raquel de Queiroz, de José Américo, de Graciliano Ramos, passam de uma ficção vigorosa para a realidade pungente. As retiradas se farão com as vias-sacras de um povo que morre aos pedaços. Os lares se desfazem, as pestes se concentram, a terra abandonada se reduz a nada. Sol e fome, sol e doença, sol e morte de todos os tamanhos. (Trecho do artigo escrito por José Lins do Rêgo, intitulado “A Seca no Nordeste” (A União, 16/03/1951, p.03 *apud* Barbosa, 2012, p. 185).

Um outro ponto a ser destacado é que, aqui, se está discutindo o fato de que a seca é consequência de um “fenômeno natural” ocorrido nas regiões do Nordeste, não a seca como um ato provocado pela falta de políticas governamentais. O que ocorre é, justamente, a falta de políticas públicas, que sejam eficazes para dar assistência e expectativa de subsistência ao povo e às comunidades locais.

Nesse sentido, consoante Barbosa (2012), existe uma grande inoperância por parte de líderes políticos (Oligarcas), as quais se mantinham no poder sob uma égide da indústria da seca implantada desde 1877. Logo, percebe-se a falta de atividades e políticas públicas que buscassem resolver a problemática.

Na Paraíba, por exemplo, a seca que inicia meses antes do início do Governo de José Américo, ainda na década de 1950, toma uma proporção que dura entre 1951 e 1952, assolando diretamente os paraibanos, com falta de comida e de água. Diante disso, o número de pedidos de socorro de todo estado e reivindicações por soluções imediatas para o combate à seca aumentam bruscamente.

Nesse cenário, uma das primeiras medidas adotadas pelo governador José Américo, foi uma política pública de combate à carestia. Essa política objetivava a baixa dos preços dos gêneros alimentícios em primeira necessidade. Para tal, José Américo visitou as principais feiras livres, mercado público de João Pessoa e outras demandas e organizações com o intuito de articular e, a partir daqui, limitar a alta inflação que estava atingindo o custo de vida de quem morava na capital paraibana, assim como em todo o Estado (Barbosa, 2012).

Vale destacar o que publica o jornal A União, em 04/02/1951:

Os gêneros tem (sic) subido assustadoramente, e os órgãos carregados de regular o custo de vida e combater à extorsão, vem falhando na adoção de medidas concretas e objetivas destinadas a por um fim a sucessiva oscilação de preços, ou reprimir o câmbio negro. [...] O governador José Américo, sentindo a gravidade do problema em toda sua plenitude, achou, acertadamente, de considera-lo como o mais instante, o mais sério e o que está a exigir o mais imediato exame a pronta solução (A União, 04/02/1951, p. 3-5 *apud* Barbosa, 2012, p. 186).

Nesse viés, houve uma proibição em comercializar os alimentos produzidos na Paraíba para outros estados, a fim de baratear esses alimentos para a população de todas as regiões do estado. Durante o mês de março do ano de 1951, pela Secretaria de Agricultura Viação e Obras Públicas, foi criada uma Comissão Estadual de Preços (CEP), sob a responsabilidade maior do prefeito de João Pessoa, à época Oswaldo Pessoa – um forte aliado do governador José Américo.

Em face disso, Barbosa (2012) reitera que com esse, uma das primeiras medidas a serem tomadas foi um tabelamento de preços para gêneros e artigos e primeiras necessidade. Esse ocorrido não resolveu todas as demandas, mesmo que

parcialmente, da população. Assim, importa ainda ressaltar que, nesse momento, todo o estado da Paraíba está em grave colapso, pessoas migrando para outras cidades, em busca de apenas sobrevivência. A partir do mês de março, são destinados telegramas ao chefe executivo do estado paraibano, alertando sobre o caos que está prestes a se formar, a exemplo de Itaporanga, havia recebido em torno de 2.600 flagelados (Barbosa, 2012).

Diante disso, o governo de José Américo, mediante uma situação extremamente delicada – isto é, o início de uma longa jornada de combate à seca – e também pela pressão popular, embora que tímida, teve que promover medidas que diminuíssem situações precárias, a exemplo da sede e da fome, e, principalmente, a migração para outros estados do Brasil, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro.

Nesse contexto, São Paulo assumia uma vocação cosmopolita. Segundo Florindo (2006) enquanto a modernização lhe redimensionava, a geografia da ocupação de espaços era onde os flagelados estavam buscando chegar, com o objetivo de sobrevivência, já que, até o presente momento do mês de março, não havia nenhum sinal de chuvas.

Ademais, diante da pressão sociopolítica advinda das altas migrações, José Américo viaja para o alto sertão, com a intenção enxergar *in locus* como estava a real situação, pois, até então, estava sabendo dos acontecidos, apenas, via telegrama de representantes políticos. Diante disso, Barbosa (2012) informa que nesse momento, em visita às cidades mais afetadas pela estiagem, o chefe de estado fica extremamente impactado com o real cenário.

À vista disso, regressando à capital João Pessoa, de imediato concede uma entrevista à Rádio Arapuan, enfatizando e esclarecendo as principais e urgentes medidas a serem tomadas, para evitar um colapso. Inicialmente, em seu pronunciamento, não deixa dúvidas sobre a situação precária em que se encontrava a sociedade paraibana devido aos problemas sociais recorrentes. De fato, segundo Silva (2019, p. 75):

Os fatores climáticos do Nordeste sempre foram um desafio para quem viveu na região. Os longos períodos de seca não favoreciam o cultivo da agricultura, nem muito menos a criação de gado. Esses problemas interferiam na qualidade de vida, principalmente dos sertanejos que viviam distante das capitais dos estados nordestinos. Eles sobreviviam período após período e quando não observavam mais saída para tais problemas, migravam tanto para as capitais quanto para o eixo Rio-São Paulo.

Portanto, a fim de evitar uma migração em massa para outros estados, o que já vinha ocorrendo devido à busca de sobrevivência e de melhores condições de vida, decidiu iniciar a construção de várias obras públicas (açudes, estradas, edifícios e outras) com objetivo de, ao empregar essas pessoas, evitar um êxodo rural em grande escala. Essa medida surge como urgente, porque, segundo o governador, “Já é horrível o que se vê. Já se passa fome de verdade. E essas sombrias condições são agravadas pelo esgotamento geral e pelo exagerado custo de vida” (A União, 17/03/1951, p. 6 *apud* Barbosa, 2012, p. 188).

A partir desse momento, o governador José Américo envia diversos telegramas ao presidente em exercício, Getúlio Vargas, pleiteando a criação de medidas urgentes que freassem a migração de flagelados para grandes metrópoles. Nesse cenário, em conformidade com Barbosa (2012, p. 188):

O governador para algumas iniciativas estatais que estavam em andamento no Estado e autoriza imediatamente a construção de um açude chamado de “espinho branco”, localizado no município de Patos, obra com uma importância de 6.000.000,00 (seis milhões de cruzeiros).

Nesse momento de soluções “paliativas” tomadas pelo governador, estavam presentes as comissões que eram representantes de regiões, e consideradas as pessoas adequadas para tomarem essa missão por atividade e prestar esse auxílio às pessoas, que são os fazendeiros. Tinha-se uma imagem dos mesmos, ou seja, só eles poderiam empregar as pessoas, alimentar os flagelados, tendo-os sempre como ser empregados e querendo a gratidão deles por estarem realizando medidas com condições cedidas pelo governo. Esse fator pode ser considerado um mecanismo para relações de poder, proporcionando dependência e mão de obra barata.

Os nordestinos estavam impostos às difíceis condições de vida e nesse aspecto cultural e político estariam sujeitos a atuarem enquanto servos/trabalhadores dos fazendeiros ou, até, sair peregrinando à procura de outras condições de vida, encontrando sempre difíceis condições em consequência de escolaridade e da própria cultura que, por vezes, era renegada ou estranhada pelos empresários e cidadãos de outras regiões do país.

Nesse contexto, é válido ressaltar que mediante todo esse cenário, por muito tempo houve uma forte omissão dos governos federal e estadual, principalmente pela ausência de programas sociais de incentivo e oportunidade de condições dignas de trabalho, da oferta de moradias, terras para produção e procriação, bem como exportação de produtos frutos da agricultura familiar. Isso demonstra a desconsideração do governo com a classe trabalhadora, transparecendo a fragilidade do plano de governo.

Essa omissão estatal é fortalecida também pela pressão dos senhores de engenhos e grandes fazendeiros, pois a permissão e a execução de políticas públicas que dessem autonomia ao homem do campo e à classe de proletariados poderia favorecer a perda da mão de obra barata, enfraquecendo, assim, o poderio de alguns poderosos, a exemplo dos fazendeiros. Esses, diante de tal situação, detinham o poder de decisão sobre os seus trabalhadores e, a partir das fragilidades e necessidades desses, mantinham o crescimento de suas riquezas, prestígio e poderes sociais.

Um forte exemplo desse processo, são as *Ligas camponesas* – organizações camponesas que se formaram na cidade de Sapé, Paraíba. Esse movimento se tornou um dos maiores do Brasil no pleito por melhores condições de vida ao homem do campo, chegando ao ponto de ser vítima de perseguição da polícia e do governo.

Essa ação do governo acontece com a finalidade de que o movimento fosse enfraquecido. Isso ocorreu porque a fragilidade do povo camponês fortalecia os fazendeiros. Esse ponto pode ser percebido no filme *Cabra marcado para morrer*³. Nele há a presença de uma forte representação do momento vivenciado e das lutas e repressões sofridas pelos governos.

Ainda conforme o jornal A União (28/02/1952, p. 01), o “Êxodo das populações nordestinas” era algo que já estava acontecendo e temiam o então “despovoamento do Nordeste”. Assim, a política “pública” pretendida pelo governo de José Américo buscava diálogo com seus representantes políticos e fazendeiros responsáveis por grande quantidade de moradores e pessoas dependentes de suas fazendas.

³COUTINHO, E. **Cabra marcado para morrer**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O0wrtiAQtmU&t=151s>. Acesso em: 06 maio de 2024.

No entanto, tudo ainda era muito pouco se comparado ao tamanho do real problema, ou seja, as chuvas não chegavam, as ações lançadas pelo governo não chegavam a toda população. Nesse cenário, as famílias paraibanas e nordestinas continuaram migrando (A União, 28/02/1952). O jornal também pontua que nesse mesmo período, intensificava-se a exploração de petróleo no estado de São Paulo e que ao chegar dessa notícia à Paraíba, mais uma vez, intensificou-se a migração.

À medida em que se passavam os dias, o número de migrações aumentava. Esse fato fora divulgado, também, pelo Jornal a União, em 25 de fevereiro de 1952, o qual acentua a preocupação do governo de São Paulo pela quantidade de sujeitos que chegavam à cidade, já somando uma quantidade de aproximadamente 23.000 mil imigrantes.

Diante de tal situação, o governador José Américo de Almeida, vê-se obrigado a executar o Plano quadrienal já organizado. “O plano prevê o restabelecimento da hospedaria de imigrantes e conclusão de edifícios” (A União, 28/02/1952, p.1). Com toda essa situação, São Paulo passou a receber grandes fluxos de pessoas vindas de diversificados estados além da Paraíba. Porém, mesmo sendo preocupante, por ser em uma grande quantidade de imigrantes, o governo iniciou, portanto, essa ação para tentar acomodá-los.

4 CARTAS DE MULHERES NORDESTINAS PARA VARGAS

O presidente Getúlio Vargas encontrou um país nacionalmente agrário, que desenvolvia quase todas as suas atividades através da agricultura, desde o milho, soja, feijão, café e diversos outros produtos. Assumiu o governo e 24 anos depois deixou o Brasil industrializado e dinâmico (Bastos; Fonseca, 2012). Pronto para colocar a indústria para funcionar, via-se cidades como São Paulo e Rio de Janeiro enquanto polos de maior oportunidade para trabalhar na indústria sendo, conseqüentemente, preciso de uma forte mão de obra para o bom funcionamento das indústrias.

A região sul por sua vez, era dotada de muitas riquezas que não se encontravam com facilidade na região Nordeste, por ser uma região mais seca, ao contrário da área amazônica, por exemplo, que tinha muita água, florestas e o próprio látex. Isso era valioso e de suma importância para a fabricação da borracha por exemplo. Todavia, eram regiões pouco povoadas as quais precisariam de uma mão de obra forte que desenvolvesse esse trabalho na extração de látex.

A partir disso, surgiu a então *Marcha para o Oeste*. Esse evento tinha como objetivo uma colonização, que seria levar a família sertaneja completa para a região da amazônia, com a finalidade de explorar esses materiais. Nesse contexto, via-se o nordestino capaz de, com o “instinto de pioneiro”, embrenhar-se pela floresta e trabalhar nas seringueiras silvestres (Secreto, 2007, p. 23).

A princípio, a ideia principal seria levar as famílias completas para a região Amazônica. Entretanto, a segunda Guerra Mundial tomava proporções cada vez maiores e a missão do Brasil seria conseguir, cada vez mais, látex para a fabricação de armas e munições para uma possível vitória dos aliados. Nessas circunstâncias, era inviável levar toda a família e, sim, homens sós, a serem trasladados em caráter de urgência para os seringais. Sendo assim, partiriam deixando suas esposas (Secreto, 2007).

Após a onda em massa de trabalhadores nordestinos que foram recrutados para a região amazônica para o trabalho de extração da borracha, assinaram contrato

de “encaminhamento”. Por meio desse contrato, eles poderiam optar em deixar suas mulheres em seus lares no Nordeste e ter o apoio do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Amazonas (SENTA) que era o que muitas mulheres preferiam, ficar em sua região de origem com sua família e filhos (Secreto, 2007, p. 89).

Em outros casos, as mulheres preferiam ficar em hospedagens ou “núcleos” improvisados, sendo que essa espera duraria em torno de dois anos, assim como foi firmado no contrato assinado pelos seus maridos, que após esse tempo, poderiam ingressar no seringal e ficar próximo dos seus maridos (A União, 28/02/1952).

Assim sendo, a migração em massa provocou mudanças na vida das pessoas. Os soldados da borracha partiram em grande número deixando suas famílias por uma expectativa de sobreviver à seca e oportunizar uma vida melhor aos seus. Consequentemente, migram para lugares jamais habitados por eles, longe de todo conhecimento regional e, ainda, com a falta de comunicação entre familiares e trabalhadores. Fato semelhante, ao que ocorreu durante o período de estiagem na Paraíba. Diante dessa situação:

Essas mulheres escreviam cartas angustiadas aos seus esposos. Cartas pedindo desculpas pela fraqueza de se queixar; contando das injustiças contra elas cometidas, do desejo de ir ao encontro deles; das saudades sentidas por elas e pelos filhos. Cartas nas quais uma mulher podia assim se definir: “Tua triste e sem sorte esposa” (Secreto, 2007, p. 89).

Diante disso, o que seria o início de um sonho, isto é, sair da extrema pobreza, poder contar com uma assistência para a família, tornou-se em saudade e preocupação. Assim, vejamos o exemplo de um escrito de mulheres da cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte.

Mossoró, 20 de junho de 1944
Exmo. Sr. Presidente da Rep.
Dr. Getulio Vargas

Nos abaixo assinados esposas, mães, noivas e irmãs de trabalhadores que há mais de um ano deixaram seus lares, afim de procurar melhores dias de vida no extremo norte do país, forçados pela situação de miséria que encontrava-se em sua terra natal, viajaram para Amazônia, com esperanças de serem bem sucedidas e prestarem relevante serviço à pátria no combate ao inimigo comum, produzindo borracha para a vitória das nações unidas.

Desde a saída desses chefes de família, ficamos recebendo a importância de dois cruzeiros. Esta quantia que recebemos no fim de cada mês, mesmo com a carestia da vida dava para irmos passando.

No dia 20 de junho do corrente ano, foi cortado o auxílio assistidas pela comissão Administrativa do encaminhamento de trabalhadores para a Amazônia, deixando na maior calamidade as famílias em grande parte numerosas, que tão longe se encontram sem seus chefes.

Não acreditamos que Vossa Excia. possa ficar alheio a esta ação desumana que virá lançar à fome mais de 4.500 pessoas, cujos maridos, pais, irmãos, noivos, estão prestando relevante serviço à pátria, no desbravamento da Amazônia.

Sr. Presidente, V. Excia. que tantos benefícios vem prestando ao Brasil, não poderá [deixar] de examinar minuciosamente tal medida, e, resolve-la de maneira que mais tarde saibamos agradecer-vos como muitas outras que já recebemos de V. Excia. em horas tão críticas para o nordeste brasileiro.

Sr. Presidente para melhor provarmos a quanto chega nossa calamidade, só encontramos um meio, é, apelar para V. Excia. demonstrando que poderá fazer uma mãe com oito filhos longe do marido, em muitos casos já sabemos

se será vivo ou morto, casos de viuvez que já existe bastante na cidade de Mossoró e outras do Estado do Rio Grande do Norte, que por lei cabia a indenização de dez mil e oitocentos cruzeiros de acordo com o código trabalhista do Brasil.

No entanto, estas criaturas só receberam a título de gratificação a importância de mil cruzeiros, pela vida de seus inesquecidos maridos, deixando dezenas de filhos menores na orfandade.

V. Excia não poderá aceitar tamanha desumanidade com criaturas que compõem um povo herói, o povo do Brasil.

Certas de que V. Excia saberá ouvir o grito de angústia de milhares de mães para não saber da notícia de que morreu de fome junto aos filhos longe de seus chefes.

Assinado,

Jovelina Luciana de Sousa

(e 53 outras mulheres) (Secreto, 2007, p. 107).

Ao lermos a carta, é notório o sentimento de saudades de esposas para com seus maridos, que partiram em convocação a uma missão em servir a pátria brasileira, como também em busca de melhores condições de vida. Essa partida acontece pela influência da seca que assolava o grande Nordeste. Assim, foram com um intuito de “enriquecer” ou “fazer fortuna” para voltarem a sua terra natal.

As esposas, por sua vez, lamentam essa ausência de notícias de seus maridos, surgindo, nesse momento, o questionamento de se ainda estavam vivos ou já tinham falecido, devido à falta de notícias (Secreto, 2007). A carta permite uma importante reflexão sobre a seca. De maneira análoga, esse problema é discutido desde a *Marcha para o Oeste* e as migrações paraibanas para cidades industrializadas – São Paulo e Rio de Janeiro –, na década de 1950, momento em que viajavam para trabalhar em estados distantes, deixando seus lares, em meio à ausência de comunicação.

Na obra *Soldados da borracha*, Maria Verônica traz a informação de que as cartas enviadas por famílias nordestinas aos seus esposos que estavam em solo Amazônico, não eram entregues. Do mesmo modo, as cartas enviadas pelos esposos também não chegavam até às esposas. Essa também era uma realidade que abarcava os trabalhadores paraibanos que estavam no norte do país. “Somos propensos a pensar que não chegaram a seus destinatários em razão de seu conteúdo” (Secreto, 2007, p.99).

Não sabiam se estavam vivos, passando fome, ou mesmo, se ainda estavam morando no mesmo local. Esse foi um processo árduo, por causa da migração obrigatória advinda das condições da seca. Além disso, a distância, a fome, a morte e as enfermidades foram presentes durante esse processo, em famílias paraibanas, potiguares e de outros estados do Nordeste.

Outro ponto a ser discutido na carta é o fato de as esposas já começarem a falar em casos de viuvez e de notícias sobre mulheres nordestinas que perderam seus maridos. Esses questionamentos e preocupações surgem porque havia a consciência de que as condições de trabalho eram precárias e insalubres, a exemplo da presença de “moléstias incuráveis”, divisão de dormidas – ficando até três homens dentro de uma barraca, sem proteção alguma. Tudo isso aumentava o risco de contato com mosquitos e transmissão de doenças em larga escala.

Ainda é válido pontuar a ausência de médicos e medicamentos nos acampamentos, intensificando, assim, mortes de trabalhadores em larga escala. O “Exército da borracha virou um genocídio de 45 mil” pessoas, pessoas dizimadas em solo Amazônico (Jornal de Brasília, 26/06/1988, s.p).

Os 65 mil brasileiros que se deslocaram para a Amazônia constituíram o que se chamou, no passado, o «exército da borracha», um incrível exército formado para colher o látex das seringueiras nativas da Amazônia e integrado por pessoas que não eram seringueiros e nunca tinham visto sequer uma árvore de látex, mas ficaram conhecidos como «soldados da borracha». A borracha por eles produzida foi vendida aos Estados Unidos, então privados dessa matéria-prima, devido à ocupação das fontes produtoras, na Ásia, pelas tropas japonesas (Jornal de Brasília, 26/06/1988, s.p).

Diante do exposto é possível refletir sobre o sofrimento vivenciado por inúmeros indivíduos e famílias residentes em regiões insalubres e sem presença de políticas públicas que dessem dignidade e perspectiva de vida aos cidadãos. A seca foi crucial para essa intensificação, mas não pode ser culpada pela falta de honestidade, humanidade e solidariedade política.

Portanto, entendemos que o Nordeste, na contemporaneidade, poderia ser uma das regiões mais ricas do Brasil, caso tivesse tido o mesmo incentivo de investimento que outras regiões, poupando muitas vidas e ofertando dignidade ao seu povo. Esse pensamento surge pelo fato da grande riqueza cultural e turística ofertada pela região.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho buscou compreender a participação dos trabalhadores rurais paraibanos durante a era Vargas, na década de 1950, e os impactos no processo de migração. Diante disso, é importante ressaltar que muito ainda há para se discutir sobre a temática, visando a esse e a tantos outros fatores sociais relacionados ao contexto em referência.

Isso se faz importante, pois estudar tal temática é, também, trazer contribuições e construir respostas para a sociedade contemporânea, bem como dar visibilidade aos antepassados e, porque não, a muitos sertanejos e nordestinos sobreviventes que ainda resistem e vivem na sociedade, contando suas sobrevivências, dificuldades e conquistas.

Da mesma maneira, também permite conhecer mais sobre o governo de Vargas e as suas contribuições para os trabalhadores Nordestinos/paraibanos, suas esposas e familiares, assim como na construção de suas identidades sociais, em meio à seca e às migrações.

Isso posto, espera-se que esse trabalho contribua com a construção de indagações acerca da temática em estudo. De igual modo, esperamos que possa servir de norteamento para o aprofundamento da temática em outros trabalhos acadêmicos, pois o espaço acadêmico constrói-se diariamente por meio de constantes inquietações sociais, em suas diversificadas esferas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. C. **Política e assistencialismo na Paraíba: o governo de José Américo de Almeida (1951-1956)**. João Pessoa: UFPB, 2012. 317f. il.

BASTOS, P. P. Z.; FONSECA, P. C. D. (Orgs.). **A Era Vargas**: desenvolvimento, economia e sociedade. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

CARVALHO, A. R. C. de. **Migrantes em Brasília**: os motivos, as dores e os sonhos numa perspectiva clínica. Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

FLORINDO, M. T. **O serviço reservado da Delegacia de Ordem Política e Social de São Paulo na era Vargas**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREYRE, G. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7. ed. ver. São Paulo: Global, 2004.

JORNAL A UNIÃO. **A União 28.02.1952. Atos do governo Federal**. Disponível em: https://auniao.pb.gov.br/servicos/copy_of_jornal-a-uniao/decada-de-1950/1952/feveiro/a-uniao-28-02.1952/view. Acesso em: 19 de mar. 2024.

JORNAL DE BRASÍLIA. **“Exército da borracha” virou genocídio de 45 mil**.

Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/122123/1988_26%20a%2030%20de%20junho_018.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 de mar. 2024.

LUZ, N. V. **A luta pela industrialização do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Alfa-Ômega 1975.

RIBEIRO, J. R. História e ensino de história: perspectivas e abordagens. **Educação em Foco**, Edição nº: 07, Mês / Ano: 09/2013, p. 1-7. Disponível em:

https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/5ensino_historia.pdf. Acesso em: 15 de jun. 2024.

SECRETO, M. V. **Soldados de borracha**: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

SILVA, G. P. da. A seca do Nordeste, as práticas migratórias e suas representações na musicografia de Jackson do Pandeiro. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v. 04, n. 02, p. 74 - 97, 2019. Disponível em:

<file:///C:/Users/Pessoal/Downloads/marianazerbone,+5+glauber.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

QUEIROZ, R. de. **O Quinze**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cameron, 2018.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, o coração é tomado por um sentimento de felicidade, por estar concluindo um curso que tanto prezo e estimo, exatamente, pela sua importância para nossa sociedade. Fico feliz por saber que, enquanto historiador, professor, posso contribuir para com a educação do nosso país.

Aqui externo o meu muito obrigado à base maior, isto é, meu pai, minha mãe e toda minha família, os quais sempre me incentivaram e me apoiaram desde as séries iniciais do Ensino Fundamental. Hoje, chegando à conclusão do Ensino Superior, digo que um sonho foi realizado. Estou me formando e eles terão, portanto, um filho professor.

Gratidão ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Cristiano Luís Christillino, que sempre prestou atenção e muita consideração para comigo e com a orientação desse trabalho.

À toda rede UEPB, coordenação, meus colegas de sala e aqueles que sempre estiveram ao meu lado, o meu muito obrigado.